

SUPERFÍCIE LISA E TRAÇO PROVOCATIVO NO MODO DE OLHAR

Hebert Luis Regis de Menezes¹
Hélio Júnior da Rocha Lima²

Resumo

A pesquisa nasce de uma provocação subjetiva sobre o que a imagem faz pensar e sentir diante do mundo. Em meio ao excesso de estímulos visuais e à lisura das superfícies na sociedade informatizada, marcada pela escassez de percepção crítica, busca-se compreender como o olhar encarnado, inspirado no pensamento de Merleau-Ponty, pode sensibilizar-se diante dos gestos expressivos e artísticos presentes nas imagens pictóricas das paredes externas da UERN, instauram experiências e travessias sensíveis, além da comunicação visual lisa e polida que caracteriza a Educação na Era Digital.

O OLHAR

O “liso”, para Byung-Chul Han (2019, p. 7) é a marca estética e existencial do presente. O liso não resiste, não fere, não interpela: apenas reflete. É o espelho onde nada se esconde e onde o olhar desliza sem encontrar profundidade. “O liso não quebra. Também não opõe resistência. Ele exige likes. O objeto liso extingue seus contrários. Toda negatividade é posta de lado”. Há o descarte: tudo passa, desliza. Sem conflito aparente, não se para diante da imagem - ela se esvai, desmancha-se em um sopro. Sem contradição, somem na multidão de imagens sem contemplações que as arrebata por uns segundos.

Nessa condição do giro planetário, o olhar, em tempo de uma realidade que se apresenta como anêmica de um lado e, do outro, como indagativa e inquietante, tangencia para fora do olhar orgânico. Para além do estritamente biológico, o devir-olho, o perceptível, aflora. A questão é se esse olhar pode manter-se sensível e crítico em uma época dominada pela visualidade lisa e pela aceleração digital. O excesso de imagens convive com o déficit de percepção crítica. O olhar, esse para além do olho, parece aprisionado por forças que o domesticam e o silenciam, repetindo padrões visuais sem tempo para o espanto.

Essa lógica também alcança os espaços educativos, onde tudo precisa ser rápido, limpo e polido. O conhecimento transforma-se em imagem fugaz, consumo sem degustação, sem o saboreio do tempo da criação. Pensar o olhar na contemporaneidade é recuperar a densidade da experiência sensível, o direito à lentidão e à negatividade que sustentam o pensamento crítico. Ver, em sentido educativo, é demorar-se sobre aquilo que incomoda, acolher o inacabado e reconhecer a beleza no imperfeito. Como afirma Han (2019, p. 16) “apenas a mudança rítmica de presença e ausência, encobrimento e descobrimento, mantém o olhar desperto”.

O olhar não se reduz às telas da era digital nem ao ato de observar à distância. Ele participa da elaboração humana do real, nasce do diálogo e se refaz no encontro com o outro. Como afirma Freire (2024, p. 147) “a cisão que fez cada um da realidade, no processo particular de sua descodificação, os remete, dialogicamente, ao todo ‘cindido’ que se retotaliza e se oferece aos investigadores a uma nova análise”. Ver é, assim, um gesto histórico e comprometido, uma forma de presença que se reconstrói na relação com o mundo e com os outros e outras.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Mossoró, RN. ID: <https://orcid.org/0009-0008-3893-1536>

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Mossoró, RN. ID: <https://orcid.org/0000-0003-4353-7003>

Na contemporaneidade, porém, o olhar corre o risco de se tornar polido e anestesiado. Han (2019, p. 21) observa que “o liso é algo que meramente se curte. Falta-lhe a negatividade do contra, do anti [...] Hoje, a comunicação também tem se tornado lisa, polida. Ela se alisa em uma troca de informação suave, sem atritos”. Essa comunicação sem rugosidade acelera a circulação de informação e capital, mas esvazia a experiência sensível e o encontro humano.

Inspirado em Merleau-Ponty (2009), o olhar é gesto do corpo que percebe e se deixa atravessar. Não interpreta nem domina: participa. O olhar encarnado é presença que se mistura ao visível, nascida do corpo que caminha e se afeta. Como afirma Merleau-Ponty (2009, p. 131) “os outros espíritos só se oferecem a nós encarnados, aderidos a um rosto e a gestos”. Assim, olhar as imagens pictóricas nas paredes da UERN é viver o acontecimento sensível que elas provocam, compreende-se que o olhar encarnado é gesto do corpo que percebe e se deixa afetar. O corpo do pesquisador, nesse movimento, não se reduz à imagem – ele se desdobra para pensar com a imagem, participando da experiência sensível e do encontro humano que ela provoca. O olhar encarnado é presença que pensa e sente, corpo que atravessa e é atravessado pelo visível.

Ao concebermos o olhar como experiência viva, esta pesquisa quer evidenciar as prisões visuais que nos cercam - simbólicas, estéticas, epistemológicas e educativas, tais como o olhar da nota, da vigilância, da produtividade e do controle. Contra essas prisões, propõe-se uma ruptura ética e sensível, um convite a ver com o corpo inteiro.

Didi-Huberman (2013, p. 208) questiona: “O que é um saber do sintoma visual, se o sintoma vem se aninhar em nossos próprios olhos, nos desnuda, os rasga, nos coloca em questão, interroga nossa própria capacidade de esquecimento?”. A imagem, portanto, não é o que se mostra, mas o que nos fere e nos interpela. Roland Barthes (1984) reforça essa abertura com o conceito de *punctum*: o detalhe que fere o olhar, que interrompe a lógica da composição e nos coloca em crise.

Han (2019, p. 15) lembra que “a obra de arte [imagem] pressupõe que algo choque. Ela derruba o observador. Mas o liso tem outra intencionalidade: ele aninha o observador, arranca-lhe um like”. A imagem polida, então, não quer derrubar nem provocar: quer apenas ser curtida. É nessa anestesia do olhar que se perde a dimensão formativa e o poder de transformação do ato de ver.

Rancière (2012, p. 17) propõe repensar a oposição entre olhar e agir, entre atividade e passividade, aparência e realidade. Essas distinções, historicamente naturalizadas, definem uma distribuição das posições do sensível, determinando quem pode ver, saber e fazer. Para o autor, “a emancipação começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir [...] quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições”. Desta maneira, o ato de ver deixa de ser mera contemplação e se torna gesto ativo de produção de sentido, atravessado por relações de dizer, ver e fazer que tanto sustentam as formas de dominação quanto abrem brechas de resistência.

Compreendemos, portanto, ver para Rancière (2012, p. 17), é gesto político e partilha do sensível: uma forma de instaurar igualdade entre os que olham e os que são olhados, entre os que criam e os que passam. Cada olhar é potência anônima que se encarna e desestabiliza as hierarquias, fazendo do comum um espaço de presença e reconhecimento. Trata-se de “alegorias encarnadas da desigualdade”, nas quais o ver e o agir se confundem, o dizer, o fazer e o sentir se entrelaçam. A emancipação, assim, não se dá pela ruptura entre quem observa e quem atua, mas pelo movimento em que olhar é também agir.

Neste estudo, ao propor ruptura com o modo institucionalizado de ver, reconhece na imagem presença viva, capaz de desautomatizar a percepção e instaurar outras formas de experiência estética.

Entretanto, não se busca decifrar imagens, mas acontecer com elas. O olhar encarnado é experiência teórico-metodológica que sensibiliza a travessia: ver é também um ato de coragem e de reinvenção emancipada.

Ao experienciar o olhar encarnado como força estética e política, emana certa polifonia sensível, que aponta o estudo para práticas educativas visuais que reconhecem o inacabado, o sensível e o comum como territórios legítimos da experiência educativa.

No processo de refazimento, de encontros e desencontros teóricos e metodológicos, tem-se a ideia de que as imagens abrem fissuras por onde as sensações e percepções vazam, intensificando o sensível vibrante.

Ao romper a superfície polida da Educação na Era Digital, ao que parece, projeta-se reviravoltas e perturbações do sensível nos espaços de resistência estética e de exercício de práticas artísticas, como, por exemplo, as paredes externas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Contra a lógica lisa que domestica o olhar, emergem os traços, rabiscos e pinturas como gestos que convidam à presença e ao estranhamento, restituindo à prática educativa sua dimensão humana, criadora e provocativa.

Palavras-chave: Olhar encarnado. Imagens. Estética. UERN. Educação visual.

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DIDI-HUBERMAN, G. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Prefácio de Claude Lefort. Posfácio de Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Disponível em: https://ia800104.us.archive.org/34/items/merleau-ponty-m-o-olho-e-o-espírito-cosac-naify/MERLEAUPONTY%2C%20M.%20%20O%20olho%20e%20o%20esp%C3%ADrito%20%28Cosac%20Naify%29_text.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.